

Imperativos da memória (26)



Porfírio Pereira da Silva

Fina d'Armada traz feminismo a debate na Biblioteca Municipal!

«... Filha tendes escutado / quando deixo convencido / este tão tirano estado / de viver com um marido / cruel, e mal inclinado. Não vos fieis de propostas, / nem das suas aparências. / Por não darmos más respostas / nos propõem mil conveniências / depois quebram-nos as costas...»

Paula da Graça (1715)

Fina d'Armada continua a surpreender-nos com o seu espírito de gladiadora feminista. Sétima – número que nos agrada bastante, pela força esotérica que possui – filha dum casal de agricultores, define-se, dentro do seu conceito de universalidade, como sendo natural do Alto Minho, onde o matriarcado tem raízes profundas.

O mote para um interessante e profícuo debate foi um livro publicado, em 1715, por Paula da Graça – *natural da Villa de Cabanas* (será vila ou apenas uma habitação nobre?), e *assistente nesta corte* –, com o título «Bondade das mulheres vindicada, e malícia dos homens manifesta» (*papel métrico, e apoloético, em que se defende a feminina inocência, contra outro em que injustamente se arguê a sua maldade, com o título de Malícia das Mulheres*), em resposta ao livro «Malícia das mulheres» (*obra novamente feita, e chamada malícia das mulheres, porque nela se tratam muitas sentenças, & autoridades acerca da malícia, que há em algumas delas; & assim trata, como duas mulheres enganaram seus maridos graciosamente*) de Baltazar Dias, cuja primeira edição remonta a 1640.

Quem seria essa misteriosa mulher – deveras o menos importante, olhando à dimensão da mensagem – e o que significaria para a época o seu grito revolucionário, trouxe ao espaço da sala Couto Viana a secular reivindicação do falar feminino. Fina d'Armada soube interpretar esta preciosidade de uma forma cirúrgica e/ou oportuna,



em tempos de inoportunas clarividências machistas: *Naturalmente que a pancadaria e os uxoricídios continuam no séc. XXI. Já estamos mais sensibilizados para o problema, mas quando veremos o fim do flagelo?* (Armada, 2008: 63).

Mesmo que venhamos a falar de uma forma feminina e não feminista, convenhamos em reflectir sobre o papel da mulher no tempo presente, na sociedade que se diz igualitária, mas que continua a discutir percentagens de representatividade na política – vejamos o formigueiro dentro do PSD e os subsequentes adjectivos, só porque uma mulher tomou as rédeas do partido –; a marginalizar o verbo engravidar e a optar pela suposta superlativação do “homem multifacetado”: *A História das Mulheres separa o todo da parte. Ou seja, embora o mundo patriarcal tenha uma lógica para servir a Humanidade masculina, houve, ao longo do tempo, homens justos e que*

não se sentiam felizes oprimindo as suas familiares. São casos raros, contam-se pelos dedos os exemplos que chegaram até nós (Armada, 2008: 27). De facto, o clamoroso livro de Paula da Graça separa o todo da parte. E, ao contrário do que se possa pensar, é universalmente pioneiro e intemporal.

Parabéns à Fina d'Armada, à sua filha Frederica – pelas excelentes capas concebidas – e à editora «Evolua Edições».

porfiriosilva@sapo.pt